

O PANORAMA INTELECTUAL DA ESCOLA DE CHARTES

THE INTELLECTUAL OVERVIEW OF THE SCHOOL OF CHARTES

Hiago Maimone da Silva Rebello*

RESUMO

O cenário intelectual de Chartres, na primeira metade do século XII, foi um dos mais profícuos e notórios dentro da História da Filosofia Medieval. As condições socioculturais, porém, merecem atenção para melhorar os estudos filosóficos e sociais do período. Deve-se atentar para a organização institucional e para os homens que compunham o corpo docente da escola, assim como seus papéis dentro do desenvolvimento da filosofia, durante o período da escolástica. Os relatos de João de Salisbury, as obras dos filósofos chartreanos, bem como a bibliografia especializada, ajudarão expor como era o panorama intelectual da escola em seu auge.

PALAVRAS-CHAVE: *Chartres. Escolástica. Filosofia. Século XII.*

ABSTRACT

The intellectual frame of the School of Chartres in the first half of the twelfth century was one of the most fruitful and notorious within the History of Medieval Philosophy. Its sociocultural conditions, however, deserve attention to improve the philosophical and social studies of the period, paying attention to the institutional organization and the men who made up the school's teaching staff, as well as their roles within the development of philosophy and mentality during this period of the scholasticism. The accounts of John of Salisbury, the works of Chartrean philosophers, as well as the specialized bibliography, will help to expose what the intellectual overview of the school was like in its peak.

KEYWORDS: *Chartres. Philosophy. Scholastic. Twelfth Century.*

Chartres, atualmente uma cidade turística que conserva boa parte de seu passado medieval, já teve uma grande influência na História da Filosofia Ocidental, séculos atrás. Sua prestigiosa escola catedrática atraiu alunos de toda a Europa e foi o local de estudos de boa parte dos grandes nomes da Filosofia do século XII.

Em Chartres floresceu uma notória parcela da Filosofia Natural que iria marcar o pensamento medieval sobre a natureza. O estudo dos materiais traduzidos do grego e do árabe sobre Aristóteles também se desenvolveu no cenário da escola da catedral de Chartres. A cidade e sua intelectualidade foram um marco para o ambiente da filosofia do medievo. A cidade e a escola foram os locais que

* Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: hiagorebello27@gmail.com

formaram uma gama de alunos que iriam surtir uma considerável influência no pensamento teológico e filosófico durante o restante da Idade Média.

Para expor a visão geral da escola, é necessário percorrer a lista de seus mais notórios alunos e professores, observar sua organização e influência, assim como a condição na qual o ambiente escolar se encontrava, como centro de saber que dialogava e se fazia presente perante o restante da sociedade.

Boa parte da fonte para saber sobre o estado da escola, em seu auge, na primeira metade do século XII, advém de João de Salisbury (1115/1120-1180). Em seus relatos sobre a vida de estudante no *Metalogicon*, João de Salisbury fez comentário sobre os seus mestres, seu percurso como estudante, seus interesses e atuações dentro da dinâmica escolar. O intuito era mostrar como um bom itinerário estudantil poderia ser exemplar para outros alunos. O histórico da sua formação era um dos nortes do livro para defender seus argumentos filosóficos e pedagógicos.

O *Metalogicon* foi escrito com a meta de instruir os discentes em matérias lógicas. O livro é o primeiro resumo geral do *Órganon* aristotélico no medievo. São postos em evidência os principais pontos de cada obra lógica do estagirita como uma introdução ao tema. Mas a produção do texto de João de Salisbury foi guiada pelo intuito de fazer apologia de certos elementos da Filosofia, mas era também polemista, uma vez que João enfrentava diretamente adversários que contrariavam o plano pedagógico de valorização positiva do estudo da retórica e da lógica. De fato, a obra joanina extrapola o resumo de Aristóteles (384 a.C-322 a.C), ultrapassando o corpo lógico do estagirita e tocando em pontos polêmicos como a discussão metafísica entre o conceitualismo e o realismo ou a importância da erudição literária, dos usos da gramática e do estudo retórico para todo estudante.

Na vasta pluralidade de assuntos que abordou, João também escreveu sobre seu mundo, comentando um pouco sobre sua “biografia” como agente político, estudante, professor, expondo ao leitor o cenário pelo qual percorreu sua vida, ainda que esta fosse focada exclusivamente em sua realização intelectual. Como clérigo, João pode ser considerado como membro de um grupo (ou classe, embora o termo seja discutível para seu caso e contexto) intelectual¹, que tinha como objetivo a manutenção da Igreja, sua sustentação e o estudo das artes liberais durante o processo de aprendizagem no qual eram formados os clérigos encarregados de formar discípulos do clero entre os filhos da nobreza.

A característica desse programa educacional fazia com que uma rede de hierarquias, interesses e posições sociais distintas fosse criada. A escola da catedral de Chartres não era uma ilha desconexa com a situação educacional do reino ou apartada do Ocidente cristão: suas demandas educacionais, bem como suas disposições e o empenho de seus membros nos estudos, acompanhavam o cenário à volta. Em sua

¹ O clero pode ser considerado como um grupo “intelectualizado”, ou seja, interessado nas diversas áreas do conhecimento que abarcava as *Sete Artes Liberais*, ou o “mundo letrado” no medievo, ainda que apenas um segmento deste de fato o fosse. O clérigo medieval podia ser inúmeras coisas, como apenas parte de um corpo docente ou discente que fez os votos de tonsura e lealdade à Igreja, ainda que não fossem ordenados como padres ou fizessem parte de alguma regra. É ao clero das escolas, normalmente secular, que me refiro na maior parte das vezes em que o termo é usado, a não ser quando o texto fala especificamente de monges ou padres.

história, no medievo central, a cidade de Chartres era um dos centros e entraves econômicos do norte da França, graças à sua posição geográfica, seu contato com o rio Eure, a leste de Paris e ao sul da Normandia, ligando o sul dos condados dos senhores de Blois com os portos normandos do norte, assim como ao sul, sudeste e oeste do reino da França, com Paris e as demais terras reais.

O comércio era de grande importância para a cidade e sua riqueza se manifesta pela produção monetária controlada pelo bispo da cidade (VALDÉS, 2018, p. 134), o que também denuncia a grande importância da Igreja naquela conjuntura socioeconômica. O bispo e alguns mosteiros administravam e observavam a cunhagem de moedas de ouro a partir das oficinas de moedeiros instaladas perto de igrejas e mosteiros. Essa característica era crucial para a economia da cidade e dava sustentação à posição política episcopal, uma vez que o controle do fluxo monetário era um dos modos de regular a economia de uma localidade e o valor de câmbio em grandes pontos de comércio espalhados pelo reino, ou até mesmo fora dele (LE GOFF, 2014, p. 31-41). O bispo, porém, não era o senhor da cidade. Os condes de Chartres eram, também, ao menos durante todo o século XII, senhores de Blois e de uma série de condados no centro e no nordeste da França. O castelo condal se localizava no centro da urbe e, por vezes, foi o local de estabelecimento quase que permanente dos condes, como Teobaldo V (1130-1190).

Os condes de Blois não eram parte de uma nobreza marginal, ou mesmo vassallos de duques, pois seus suseranos eram os próprios reis da França. O poder de tais nobres era equivalente ao dos duques, graças à extensão de seus domínios, que aumentavam graças aos casamentos – o próprio Teobaldo V se casara com ninguém menos do que a filha de Luís VII (1120-1180), Alice da França (1150-1198), na segunda metade do século. Seu pai, Teobaldo IV (1090-1152), era filho de uma princesa da Inglaterra, Santa Adela da Normandia (1067-1137), que, por sua vez, tinha como pai Guilherme I, o Conquistador (1028-1087), o que mostra como a importância dessa casa nobre não era secundária.

As condições econômicas e políticas colocavam Chartres como parte do centro político e econômico do norte da França, algo que seria um dos fundamentos para a existência da escola catedralícia da cidade. Fundada pelo bispo Fulberto (952/970-1028), no início do século XI, a escola da catedral tinha como serventia, assim como as demais escolas, a formação do clero para a Igreja. O catolicismo, como uma vertente do cristianismo que necessita de um bom entendimento das *Sagradas Escrituras* e de compreensão teológica para que suas doutrinas não fossem dispersadas em heterodoxias (NUNES, 2018, 117), mantinha centros de estudos para seu clero não ficar defasado ou incapaz de compreender os significados das práticas e crenças da Igreja. No tempo de Fulberto a escola já tinha algum prestígio (JAEGER, 2019, p. 83), porém foi apenas no século seguinte que, aliada à grande expansão urbana, se viu uma quantidade considerável de mestres famosos trabalhando como professores em suas alas.

A expansão urbana ocorreu em toda a Europa Ocidental, impactando o cenário escolástico de modo considerável. Iniciado desde o século XI, um progressivo aumento do comércio, da produção e consumo de bens criou uma demanda para a gerência e administração da nobreza, que também crescia com o incremento da riqueza em seus domínios (DUBY, 2011, p. 173). As demandas por administração

e maior instrução causaram uma grande busca pelos centros de estudos já existentes. Acentua-se a necessidade de um grupo especializado, letrado, capaz de entender com eficiência os requisitos básicos para uma burocracia cada vez maior, de modo que o professor de escola começou a ter mais condições de se sustentar com o dinheiro que recebia (VERGER, 1999, p. 56-61). O exemplo de Pedro Abelardo (1079-1142), apesar de ele nunca ter pertencido à escola de Chartres, é marcante: ele foi expulso das escolas de Paris por volta de 1102, mas depois teve um êxito impressionante em sua escola, em Melun, atraindo vários estudantes para suas aulas.

Esse fenômeno se repetia em boa parte do Ocidente cristão. Os mestres detinham fama e prestígio suficientes para serem reconhecidos por muitos estudantes, que mudavam seus locais de estudo ou escolhiam as escolas de acordo com a notoriedade dos docentes (JAEGER, 2019, p. 229-263). A relação do mestre com os alunos também se embasava na capacidade do professor de defender seus pontos de vista e de atrair a atenção para assuntos considerados sensíveis (a exemplo de Pedro Abelardo) e mas também por seu comprometimento religioso.

Mia Münster-Swendsen demonstrou que a “virtuosidade” do professor medieval era um elemento que atraía ou repelia alunos. De fato, o ímpeto e a imagem da virtude chegavam a ser tão impactantes dentro do cenário escolar que, muitas vezes, alunos eram julgados pela fama de seus mestres, mesmo *depois* de sua formação (MÜNSTER-SWENDSEN, 2008, p. 55-56). Os docentes também eram referências morais, membros de uma hierarquia que gerava interesse e geria tendências de grande amplitude na Europa (MÜNSTER-SWENDSEN, 2008, p. 48-51).² Stephen Jaeger, em seu clássico *A Inveja dos Anjos*, mostrou como a nova moral ensinada nas escolas era transmitida pelas cortes da nobreza e da realeza da França e do Império durante os séculos XI e XII, gerando uma mudança considerável na visão de mundo e na educação da nobreza (JAEGER, 2019, p. 97-104).

Esse cenário, somado à crescente demanda por pessoas capazes de ser burocratas e de educar seus herdeiros, fez com que o interesse pela busca pelo conhecimento se expandisse pela Europa. O próprio João de Salisbury estava envolto nesse mercado da instrução. Seu primeiro emprego foi como professor de filhos da nobreza (apesar de ele não deixar claro quem seriam esses nobres), já que necessitava do dinheiro para custear seus estudos e sua vida em Chartres (SALISBURY, II, 10). Certos mestres alcançaram um renome tão considerável que sua fama saía do meio escolar e alcançava as cortes dos indivíduos mais poderosos, fazendo-se educadores destes (GUENÉE, 2017, p. 305-310; JAEGER, 2019, p. 335-337). Os mestres formadores e formados nas escolas, de fato, tiveram um trânsito além do cenário das escolas.

Jaeger demonstrou que, muitas vezes, os professores eram chamados para dar instrução em cortes. Esse foi o caso de Guilherme de Conches (1080/1090-1154), tutor de Henrique II (1133-1189),

² Münster-Swendsen (2008) mostrou como a figura do professor era, inclusive, munida de um peso religioso em relação aos estudantes.

enquanto este era príncipe da Inglaterra. Essa tutoria mostra como o professor de escola podia alcançar uma posição importante na formação familiar da realeza. Por outro lado, dado que Guilherme de Conches era um famoso professor de Chartres, no reino francês, essa dinâmica evidencia como os nomes dos mestres podiam obter um reconhecimento além dos países nos quais ministravam aulas.

Os intelectuais medievais não estavam confinados a um “espaço” específico. Por mais que Paris, Laon, Chartres, Tours, Orleans ou outras cidades fossem grandes centros de erudição e conhecimento, elas dependiam do itinerário dos professores e dos alunos para terem alguma importância e influência (MEWS, 2020, p. 10-12).

Antes da ascensão das universidades, no século XIII, a escola catedrática não tinha um edifício próprio. Nem mesmo uma instituição permanente, sempre requisitada. Os centros educacionais ascendiam ou decresciam de acordo com a quantidade de mestres famosos neles existentes (MEWS, 2020., p. 13-14). Essa característica pode ser explicada de inúmeras maneiras, como pelo interesse do bispo ou da nobreza em custear ou lucrar com as escolas, pela capacidade da cidade de mantê-las; ou pelo interesse financeiro dos mestres de ministrar suas aulas em locais que pagavam mais (VERGER, 2020, p. 56-61).

O caso de Chartres é caracterizado pela existência de uma única escola – a de sua catedral –, diferente de Paris, que possuía mais de uma, com o clero regular, secular e a própria realeza financiando algumas escolas, e que contava, ainda, com a existência de “escolas” privadas de alguns professores. Ainda assim, pelo período de algumas décadas, Chartres foi reconhecida como um dos locais mais propícios para o estudo da Filosofia Natural, Lógica e Gramática.

O primeiro nome de grande notabilidade da escola chartreana, durante o século XII, foi Bernardo de Chartres (falecido por volta de 1124), mais conhecido por sua influência dentro da escola e pelas citações por parte de outros escritores, do que pelas próprias obras. Bernardo foi um gramático e metafísico neoplatônico com autoridade suficiente para que alunos que estudaram posteriormente à sua aposentadoria assimilassem seu nome e seu legado, como uma espécie de continuidade. Bernardo, com toda certeza, conseguiu atingir um tipo de discípulos dotado do que Mia Münster-Swendsen nomeou como virtuosidade, esta que podia ser herdada pelos alunos de um determinado mestre e ser passada adiante (MÜNSTER-SWENDSEN, 2008, p. 46-47). João de Salisbury, em diversas passagens de seu *Metalogicon*, tratou Bernardo como seu próprio mestre, como se tivesse participado de suas aulas, ainda que não tivesse estudado com ele uma única vez (POOLE, 1920, p. 321-342.). Veja-se, por exemplo, a narrativa de João de Salisbury sobre os ensinamentos de Bernardo de Chartres:

Bernardo de Chartres costumava dizer que “brancura” representa uma virgem imaculada; “é branca” a virgem entrando no quarto da cama, ou deitada no sofá; e “branca” a menina depois que ela perdeu a virgindade. Ele usou essa ilustração porque, segundo ele, “brancura” denota a qualidade em si simplesmente, sem

qualquer participação de um sujeito, ou seja [denota] apenas um certo tipo de cor, que perfura a visão (SALISBURY, III, 2).³

Outro autor reconhecido como um grande gramático e discípulo direto de Bernardo de Chartres, Guilherme de Conches, foi um dos primeiros exemplos da corrente de pensamento que se enquadra dentro do movimento identificado como um Naturalismo Cristão (GRANT, 2009, p. 167-172), que se desenvolveu em Chartres. Em suas obras, como o *De Philosophia Mundi* e o *Dragmaticon Philosophiae*, nota-se uma verdadeira preocupação com a composição da natureza. De Conches se preocupava, ao mesmo tempo, com a gramática e com as razões pelas quais os fenômenos da natureza existiam ou ocorriam da maneira que ocorriam. Guilherme não admitia que a explicação para as ocorrências sensíveis no cosmo acontecesse única e exclusivamente pela ação divina. Deus, apesar de ser o Criador, não era o executor máximo de todas as ações naturais, como os fenômenos meteorológicos:

E dirá também que corresponde ao poder divino revogar a afirmação de que o Homem foi criado assim. A esses respondemos que, ao contrário, isso corresponde a Ele, porque atribuímos a Ele que Ele deu essa natureza às coisas e assim criou o corpo humano por obra da natureza. Bem, de que maneira somos contrários à Escritura divina, se explicarmos como foi feito, pelo que ela diz que foi feito? Que decepção, se existe algum sábio dizendo que algo foi criado e não explica o caminho [pelo qual este algo foi criado] e outro diz a mesma coisa e explica [o caminho dessa criação]? Mas, como não conhecem as forças da natureza, para associar todos à sua ignorância, não querem que alguém os investigue para que se cumpra o que o profeta diz: "O mesmo sucederá ao sacerdote e ao povo" (Is. XXIV, 2; Ose. IV, 8).

Dizemos, porém, que em tudo você deve procurar a razão, se [esta] puder ser encontrada. Contudo, se para alguém o que a divina página afirma não é suficiente, deve ir ao Espírito Santo e à fé. Pois Moisés diz: "Mas se a família for pequena para um cordeiro, então se juntará com o vizinho mais próximo da sua casa, conforme o número de pessoas. O cordeiro será escolhido na proporção do que cada um puder comer" (Ex. XII, 4). Porque quando investigamos algo sobre a divindade, se não o entendemos, chamemos o próximo que mora ao lado de nossa casa, ou seja, perguntemos a quem permanece na mesma fé católica. Mas se ninguém é suficiente para compreendê-la, então vamos queimá-lo com o fogo da fé. Alguns, no entanto, que têm muitos vizinhos de sua casa, por arrogância não querem chamar ninguém e preferem ignorar [o assunto] a perguntar ao outro, e se aprendem com outro dizem que ele é um herege, presumindo mais sobre sua própria cabeça do que tendo confiança em sua sabedoria. Mas peço-vos que não acrediteis nas aparências, porque nisso se cumpre o que diz o satirista: "A fé não deve ser dada às aparências, porque qual cidade não está cheia de tristes obscenidades?" (JUVENAL, II, 8) e também: "Sua linguagem é rara e o prazer de ficar em silêncio é grande" (JUVENAL, V, 14) (GUILHERME DE CONCHES, I, 23).⁴

É evidente que o conteúdo religioso possui grande peso na legitimação argumentativa de Guilherme de Conches, porém também é evidente que, ao colocar seus adversários em um dilema moral no que se refere à investigação das obras do Criador, ele critica os que procuram paralisar a investigação

³ Todas as citações do *Metalogicon*, de João de Salisbury, são tradução nossa, a partir da tradução para o inglês de Daniel D. McGarry (SALISBURY, 1971), mediante o cotejamento com o texto latino (SARESBIENSI, 1610).

⁴ Tradução nossa a partir da edição espanhola de Carlos Rafael Domínguez, de 2015.

do mundo por conta da fé e os que taxam de herege todos os que procuram elucidar como o mundo funciona.

Essa preocupação com os ensinamentos da fé (considerada sempre superior, uma vez que qualquer coisa que procure transpassá-la deve ser queimada, como disse o autor, “com o fogo da fé”) perpassava por toda a escola, uma vez que sua principal função era a preparação para o entendimento da fé, por mais que o objetivo de educar os alunos no que concernia à arte de ler, escrever e discursar estivesse sempre presente. A influência do elemento religioso, no contexto chartreano, sempre foi maior do que todas as correntes de pensamento que a escola teve. Se, pela primeira vez desde o fim da Antiguidade, a natureza era colocada em debate e em investigação filosófica, ela só conseguia existir dentro de um ambiente cristão, com uma linguagem e com propósitos dentro da cosmovisão cristã, dando sentido e impulso para o estudo da criação divina.

A característica naturalista, porém, não era exclusiva de Guilherme de Conches. Uma rede de influências intelectuais estabeleceu seu centro produtivo em Chartres, no tocante à Filosofia Natural, nas quatro primeiras décadas do século XII. Teodorico de Chartres (falecido por volta de 1150) despontou na Filosofia Natural, com sua obra *Hexaemeron*, que consistiu em uma tentativa de relacionar e corresponder o relato bíblico do livro do *Gênesis* à explicação racionalizada de Platão (428/427a.C – 348/347a.C), no texto do *Timeu*, acerca da criação do mundo. Teodorico questionou sobre como o cosmo se comportava nas origens do mundo, refletindo como a natureza (e suas regras) agiam sobre o universo e como é possível filosofar sobre o tema, mesmo com o relato bíblico estando em consideração (GILSON, 2013, p. 323-328).

Na metafísica de Chartres teve o notório nome de Gilberto de Poitiers, ou Gilberto de la Porrée (1076-1154), um dos expoentes do neoplatonismo (no que se refere aos debates dos entes metafísicos) do seu período. Gilberto e sua filosofia são um exemplo de que não era apenas pela novidade do aristotelismo que a escola retirava sua posição inovadora, uma vez que seu pensamento buscava tratar da relação das formas platônicas com o intelecto divino (GILSON, 2013, p. 315-322). Gilberto, assim como Teodorico, foi um dos que saíram de Chartres e conseguiram construir uma carreira em Paris.

João de Salisbury foi uma testemunha da atração que Chartres exercia durante o período em que boa parte dos intelectuais citados acima atuavam na escola, no fim da década de 30 do século XII. O próprio João foi um exemplo de “estudante nômade”, tendo saído de Salisbury, na Inglaterra, se deslocado para outro reino e trafegado dentro deste em uma busca de melhores mestres. Podemos ver a influência chartreana no cenário escolar, pois, enquanto era estudante de Paris. João de Salisbury foi aconselhado por Alberico de Reims (1085-1141) e Roberto de Melun (1100-1167) a ir até Chartres para melhorar seus estudos:

Depois de trabalhar com os ditos mestres por dois anos completos, acostumei-me tanto a apontar os tópicos, regras e outros princípios elementares, com os quais os professores estocam as mentes juvenis, e dos quais os ditos doutores eram mestres

habilidosos, que eles pareciam tão familiares para mim como minhas próprias unhas e dedos. Pois eu havia aprendido o assunto [dialética] tão profundamente que, com a falta de reflexão juvenil, exagerei indevidamente meu próprio conhecimento. Eu me considerava um jovem sábio, na medida em que sabia as respostas para o que me ensinaram. No entanto, recuperei meus sentidos e fiz um balanço das minhas potencialidades. Transferi-me então, após deliberação e consulta, e com a aprovação de meus instrutores, para o gramático de Conches. Estudei com este último por três anos, durante os quais aprendi muito. Nem vou me arrepender do tempo gasto assim (SALISBURY, II, 10).

O recorte acima deixa clara a existência de uma rede de recomendações e influências dentro do clero para que instrutores sugerissem a seus alunos a ida para “esta” ou “aquela” escola. O interesse e a capacidade dos alunos, e a estima a eles dedicada pelos professores, fazia com que essa rede se expandisse para além do corpo estudantil localizado em cada cidade., uma vez que os mestres conheciam os trabalhos uns dos outros. Chartres era reconhecida por Paris, pois em Chartres existiam professores com notoriedade suficiente para que a atenção dos escolásticos da própria Paris (o maior centro estudantil do Ocidente cristão) se endereçasse àquela escola.

O panorama dos filósofos “chartreanos” pode ser encontrado na descrição do salebriense sobre seus tempos de estudante:

Depois disso [dos ensinamentos com Guilherme de Conches], tornei-me discípulo de Ricardo, conhecido como “o Bispo”. Ricardo está familiarizado com praticamente todos os ramos do conhecimento. Seu peito era maior que sua boca, e seu conhecimento [científico] excedia sua eloquência. Ele era honesto em vez de vaidoso, virtuoso em vez de ostentoso. Com Ricardo, revi tudo o que havia estudado com os outros, bem como aprendi alguns pontos adicionais sobre o Quadrivium, ao qual fui apresentado anteriormente por Hardewin, o alemão (JOÃO OF SALISBURY, II, 10).

Ricardo foi um dos promotores das traduções de Aristóteles e um de seus maiores difusores. Sua presença em Chartres e o conteúdo por ele ministrado, segundo o relato de João de Salisbury, mostram como o novo ensino estava marcando presença na cidade e como esta, por sua vez, era um dos polos para as traduções e para a nova Filosofia, que vinha com elas.

O movimento das traduções teve como consequência a consolidação de um ensino diferenciado do antigo, este normalmente marcado pelo neoplatonismo e por parte da obra lógica de Aristóteles traduzida por S. Boécio (480-524/525). Parte da novidade era a introdução do restante da obra lógica aristotélica. A *Logica Nova*, surgia em contraste com a *Logica Vetus* e a influência das obras recentemente traduzidas mudariam para sempre o conteúdo filosófico da escolástica (TWEEDALE, 1982, p. 143-158).

Pedro de Hélias (1100-1166), outro professor que João de Salisbury fez questão de destacar, também o impactou por conta do ensino retórico que dele recebeu: “Mais tarde [...] aprendi mais retórica com Pedro de Helias” (JOÃO OF SALISBURY, II, 10). Pedro de Hélias, apesar de não ter o mesmo reconhecimento que Ricardo, foi um retórico e um gramático que trabalhou em Chartres e Paris, sendo o autor de comentários a Cícero (106a.C-46a.C) e de um livro no qual se aprofundou na gramática de

Prisciano (séc. VI). Sua presença na cidade mostra como o ensino da gramática e da retórica estavam em alta conta em Chartres e como autores, a exemplo de Cícero (a principal fonte, no que concerne ao uso da retórica) e de gramáticos latinos, possuíam uma grande presença na cidade (GIACONE, 1974, p. 45-46).⁵

João de Salisbury citou outros mestres que tiveram importância em sua formação intelectual:

Recorri ao Mestre Adam, de quem me tornei muito íntimo. Adam é um homem de intelecto muito aguçado e, também, independente do que os outros possam pensar, uma pessoa de grande conhecimento. Ele foi especialmente dedicado ao estudo de Aristóteles. Mesmo que eu não fosse um de seus próprios discípulos, ele gentilmente compartilhava comigo seus bens [de conhecimento], e me explicava muito claramente suas doutrinas, algo que ele nunca ou raramente fazia com estranhos. Ele tinha [de fato] a fama de sofrer da aflição do ciúme (SALISBURY, II, 10).

Adam du Petit-Pont (1100/1102-1180), em seu contexto, foi um dos autores que mais espalhou a obra lógica de Aristóteles, assim como Ricardo. A presença desses dois mestres e seus respectivos interesses mostram como Chartres era um ambiente propício para novos ensinamentos e como o clero da cidade estava empenhado na contratação de pessoas que detinham o domínio em novos ensinamentos para serem ministrados em sua escola catedrática. Adam, especificamente, foi professor da Escola da Ponte Pequena (*Petit-Pont*), em Paris, antes de ir para Chartres, e o fato de que ele detinha um círculo fechado de estudantes mostra como, apesar de Chartres ter apenas uma escola, o ensino também poderia ser diversificado, com correntes escolares de ensino coexistindo dentro de um mesmo meio.

Os relatos provindos de João (que escreveu no período em que a escola já se encontrava no início de seu declínio) não é a única fonte que denuncia a importância de Chartres. As obras dos próprios filósofos da escola mostram como existia uma produção considerável de livros e como estes se encaixavam em uma novidade filosófica, estimulada pelas tradições e pelas novas mentalidades do medievo.

Entre várias correntes filosóficas e temas diversos, Chartres possuía um panorama intelectual extremamente inovador, em seu auge. Não apenas livros antigos e conhecimentos transmitidos há gerações encontravam lugar na escola da cidade. Chartres era um centro de distribuição e divulgação de traduções, como também de novas tendências de leituras, o que fazia da cidade um grande ponto de produção intelectual ativa. Sobre Teodorico de Chartres, com sua *Filosofia Natural*, sabe-se que seus pensamentos se expandiram para além das muralhas da cidade, chegando até os autores da Escola de Tours e até homens como Bernardo Silvestre (1085-1178) e suas obras sobre a natureza. Este último escreveu seu *Cosmographia* para Teodorico, em reconhecimento à sua influência.

Chartres exportou muitos de seus autores. O próprio Teodorico, por exemplo, lecionou em Paris, assim como Gilberto de Poitiers (João de Salisbury só foi ter aula com esses mestres após sua saída

⁵ No que sobreviveu dos registros sobre o conteúdo da biblioteca chartreana encontram-se muitas obras de direito, retórica e dialética, história natural, teologia e gramática, com uma preponderância de Cícero, Santo Agostinho e Sêneca.

de Chartes) e o próprio salebriense que, após ter estudado e lecionado em Chartres, estudou e deu aulas em Paris por algum tempo, antes de tornar-se um membro da corte papal, em 1148.

Algo marcante na escola charteana foi a maior valorização da razão humana. Essa questão gerou uma reação considerável dentro da intelectualidade cristã na primeira metade do século XII, com a escola vitorina sendo uma das grandes críticas do racionalismo chartreano (NEWELL, 1983, p. 108-126). A posição naturalista a respeito da criação do mundo, quando envolvia as *Sagradas Escrituras*, gerava uma série de controvérsias, que envolviam acusações de heresia ou heterodoxia e suscitavam réplicas.

O recorte já supracitado do *De Philosophia Mundi*, de Guilherme de Conches, expõe essa querela com exatidão. Guilherme acusa certos cristãos de agirem mal, pois estes afirmavam que os investigadores da natureza eram hereges. A resposta de parte da literatura chartreana se resumia à acusação de ignorância de seus antagonistas, uma vez que estes não teriam estudado o suficiente a literatura que versava sobre a Filosofia (VERGER, 2020, p. 63-64).

Hugo de São Vítor (1096-1141), por exemplo, acusava a fusão do *Timeu* com a passagem bíblica da criação como algo herético e temerário. São Bernardo de Claraval atacou especialmente Gilberto de Poitiers por conta de sua tese acerca da doutrina da Trindade (muito influenciada por Platão e sua “alma do mundo”), mas também mobilizou críticas para as teses naturalistas, que procuravam explicar a fé pela razão (VERGER, 2020, p. 63-66).

A relação conflituosa entre esses pensadores, contudo, não pode ser observada como uma disputa de “classes”, como uma luta de grupos ou segmentos de grupos que competiam entre si pelo domínio “ideológico” dentro da Igreja. A disputa entre autores que se valiam da razão contra os que prestigiavam mais o campo da fé não pode resumir a recepção negativa ao naturalismo chartreano. Hugo de São Vítor, por exemplo, foi um dos autores que mais estimou a tecnologia e apoiou o ensino da Filosofia (HUGO DE S. VÍTOR, III, 13). Um de seus trabalhos dedicado a esses aspectos, o *Didascalicon*, é um manual para a instrução das ciências existentes em sua época. S. Bernardo, por sua vez, mesmo sendo um místico e um líder espiritual e, portanto, voltado para a especulação teológica, se valia, em grande medida, do uso de filósofos clássicos (LECLERCQ, 2012, p. 142-179) e recomendava aos membros do clero que se instruissem nas escolas urbanas (VERGER, 2020, p. 66). Por volta do século XII, as críticas religiosas não visavam a Filosofia em si, mas seus usos em matérias de fé já estabelecidas pelo Magistério da Igreja nos sínodos, mas sobretudo em concílios gerais e ecumênicos. As polêmicas acusações feitas pelos vitorinos não saíam do papel e nenhuma ação institucional da Igreja foi executada para proibir os escritos naturalistas de Teodorico e de Guilherme.

Jacques Verger se dedicou a explorar a querela entre o ensino urbano, com o clero secular (que na grande parte das vezes sequer detinha o sacerdócio), e o clero regular, cuja educação era recebida nos conventos e mosteiros. Verger mostrou como existia, na realidade, mais uma “interação harmoniosa” do que um desacordo entre esses dois braços do clero na era das escolas catedráticas (VERGER, 2020, p. 66-68). As condenações de Gilberto e Pedro Abelardo não passam de exceções. Os embates entre

autores monásticos e seculares eram bem mais tênues. As disputas internas nas escolas causavam mais discórdia do que as críticas vindas dos monges (VERGER, 2020, p. 66).

A posição hierárquica dos mestres mais notáveis de Chartres também pode dizer algo sobre a importância do clero escolar e das escolas na instituição eclesiástica. Gilberto foi feito bispo de Poitiers em 1141; Ricardo se tornou bispo de Avranches; João de Salisbury assumiu o bispado da própria Chartres, em 1176. Configurou-se, assim, uma quantidade considerável de clérigos que conseguiram alçar cargos do alto clero. Guilherme de Conches se tornou professor de um príncipe herdeiro, em 1145, e o próprio Bernardo de Chartres se tornou chanceler da escola, posições de prestígio e de poder, uma vez que influenciavam diretamente no cotidiano escolar.⁶ Teodorico, também foi chanceler da escola em 1141. Mesmo os que não alcançaram grandes postos na hierarquia da Igreja, como Pedro de Helias e Adam du Petit-Pont, tiveram notoriedade enquanto autores e filósofos nos meios intelectuais durante os séculos XII e XIII.

A notabilidade intelectual, e até mesmo política, do clero de Chartres não pode ser reduzida ao século XII, quando a escola estava em seu auge. Chartres abrigou, ainda no século XI, Ivo de Chartres (1040-1116), um dos mais importantes defensores da Reforma da Igreja e um dos que sistematizou o direito canônico, visando a unidade e a integridade dogmática eclesiástica durante as crises de investidura e eclesiologia no século XI. Ivo de Chartres, com grande importância para o campo do Direito, foi uma das grandes mentes da história da cidade. Ainda que seu trabalho não versasse sobre Filosofia, é possível crer que sua presença como bispo da cidade, enquanto Bernardo era mestre atraiu atenção para a escola.

Considerando a rede de influências dos autores até aqui citados, é possível seguir o espírito do trabalho de John D. Cotts, em seu *Europe's Long Twelfth Century* (2013), que mostra como a chamada “Renascença do século XII”, na verdade, deve ser observada como um evento de longa duração, que precede e transcende o próprio século. Cotts demonstrou como o fenômeno do desenvolvimento intelectual e o progressivo interesse do clero não podem ser contidos em uma única “renascença”, mas, sim, em uma continuidade histórica (COTTS, 2013, p. 154-157). Além disso, ao considerar a perspectiva de Cotts para a intelectualidade de Chartres, esta que tem seu período áureo na primeira metade do séc. XII, é possível verificar que uma escola catedrática não pode ser considerada alheia à interação com o seu entorno. Chartres já possuía alguma notabilidade desde a criação da escola da catedral por Fulberto, no século XI; contudo, excetuando Ivo de Chartres, não são referenciados indivíduos notáveis que aço estudaram, lecionaram ou comandaram a escola no tempo de Fulberto. Isso não exclui uma continuidade cronológica do interesse intelectual na escola. A ausência de homens e obras mais notáveis não implica em uma descontinuidade do movimento que impulsionava a relação entre estudantes e mestres e desses com a sociedade ao redor. Jaeger ressaltou que a configuração da relação social entre alunos e mestres

⁶ O chanceler de uma escola era eleito pelos cônegos da catedral (os mesmos que elegiam os bispos), porém a autoridade máxima do ensino era quem estava acima do chanceler, o bispo diocesano, que era a posição de Santo Ivo.

no décimo primeiro século estava já em plena modificação e cita exemplos que vão desde o reino da França até o oeste do Império e o norte da Península Itálica, algo que se repete no século seguinte (JAEGER, 2019, p. 73-142; MEWS, 2020, p. 27-29).

Em Chartres essa configuração escolar pode ser vista no florescimento de uma profusão de tendências e obras que impactaram a História do Pensamento Ocidental, uma vez que era a partir das relações entre alunos e mestres que as correntes filosóficas e as escolas de pensamento se desenvolviam. O lugar de Chartres dentro do percurso da Filosofia foi notório. Ainda que o auge da escola tenha durado poucos decênios, entre as décadas de 10 e 40 do século XII, sua influência transcendeu o período e seus frutos transcorreram por todo ensino de Lógica, Gramática e Filosofia Natural pela Idade Média.

João de Salisbury pode ter sido um dos últimos chartreanos a escrever em conformidade com o espírito da escola⁷, em um período em que já se encontrava na corte de Teobaldo de Bec (1090-1161), arcebispo da Cantuária.

O interesse gerado pelos escritos de autores como Teodorico e Guilherme de Conches transcenderam espacial e temporalmente seus meios. Chartres influenciou, por exemplo, Roberto Grosseteste (1168-1253) e suas obras em Filosofia Natural (DALES, 1980, p. 11-20), criando raízes de interesse nesse ramo filosófico dentro da universidade de Oxford, no século XIII.

CONCLUSÃO

O panorama intelectual de Chartres mostra que o dinamismo da escola. Seus professores, alunos e temas de interesse circulavam pela Europa. Embora a escola tivesse uma característica própria, com singularidades definidas pelos indivíduos e grupos que a compunham, ela pode ser considerada como uma parte de um grande e longo movimento de interesse pela filosofia no norte do reino da França, como em boa parte do ocidente cristão.

As escolas da Península Ibérica, das ilhas britânicas, da Península Itálica e da Europa central imperial não tinham o mesmo vigor institucional, literário e até mesmo estudantil que as escolas francesas (MEWS, 2020, p. 10-16); porém as ideias e os livros não têm fronteiras exatas ou fixas, mas constituem redes, com nódulos de divulgação e disseminação. Chartres era um desses nódulos, um ponto onde se produzia e ressoavam composições que se relacionavam com outros autores e obras, com outras sociedades e grupos pelo restante do Ocidente Europeu.

⁷ Em seu *Metalogicon*, João estimou muito mais o ensino que teve em Chartres do que o obtido em Paris. Suas referências gramáticas, poéticas, lógicas e metafísicas indicam um tato muito mais elevado com os mestres chartreanos do que com os parisienses, especialmente por conta da importância de Bernardo de Chartres para a sua obra filosófica. É notável a dedicação com que descreveu seus anos em Chartres, se comparados com os que estudou em Paris, ainda que tenha sido ordenado padre e estudado em mais de uma escola no meio parisiense.

REFERÊNCIAS

- COTTS, J. D. *Europe's Long Twelfth Century Order, Anxiety, and Adaptation, 1095–1229*. Londres: The Palgrave Macmillan, 2013.
- DALES, R. C. The Use of Thierry of Chartres' Hexameron by Anonymi De Elementis and Robert Grosseteste. *Quidditas*: v. 1, p. 11-20, 1980.
- DUBY, G. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GIACONE, R. Masters, Books and Library at Chartres according to the cartularies of Notre-Dame and Saint-Père. *Vivarium*, n. 12, v. 1, p. 30-51, 1974.
- GILSON, É. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- GRANT, E. *História da Filosofia Natural: do Mundo Antigo ao século XIX*. São Paulo: Madras, 2009.
- GUENÉE, B. Corte. In: LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. (Coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. 1. (cord). Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 269-280.
- GUILHERME DE CONCHES, G. *Filosofia del mundo*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, Grupo de Investigación y Estudios Medievales, 2015.
- HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascalicon: a arte de ler*. Campinas: Vide Editorial, 2015.
- JAEGER, C. S. *A inveja dos anjos: as escolas catedrais e os ideais sociais na Europa Medieval (950-1200)*. Campinas: Kírión, 2019.
- LE GOFF, J. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- LECLERCQ, J. *O amor às letras e o desejo de Deus: iniciação aos autores monásticos da Idade Média*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MEWS, C. J. The Schools and Intellectual Renewal in the Twelfth : a Social Approach. In : GIRAUD, C. (org.). *A Companion to Twelfth-Century Schools*. Leiden, Boston: Brill, 2020. p. 10-29.
- MÜNSTER-SWENDSEN, M. Medieval 'Virtuosity': Classroom Practice and the Transfer of Charismatic Power in Medieval Scholarly Culture c. 1000–1230. In: BRUUN, M. B; GLASER, S. (org.). *Negotiating Heritage*. Turnhout: Brepols, 2008. p. 48-64
- NEWELL, J. Rationalism at the School of Chartres. *Vivarium*, v. 21, n. 2, p. 108-126, 1983.
- NUNES, R. A. da C. *História da Educação na Idade Média*. Campinas: Kírión, 2018.
- POOLE, R. L. The Masters of the Schools at Paris and Chartres in John of Salisbury's Time. *The English Historical Review*. v. XXXV, n. CXXXIX, p. 321-342, jul. 1920.
- SALISBURY, John of. *The Metalogicon of John of Salisbury: Twelfth-Century Defense of the Verbal and Logical Arts of the Trivium*. Gloucester: Peter Smith, 1971.
- SARESBERIENSIS, Ioannis. *Metalogicus*. Paris: Viâ Iacobea, 1610.

TWEEDALE, M. M. Abelard and the culmination of the old logic. In : KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. (org.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy: From The Rediscovery Of Aristotle To The Disintegration Of Scholasticism (100-1600)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. P. 143-158.

VALDÉS, A. R. Monederos itinerantes en la Europa Occidental al filo de 1100: los monederos de Chartres. *Numismática OMNI*, p. 126-150, n. 12, 2018.

VERGER, J. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 1999.

VERGER, J. The World of Cloisters and Schools. GIRAUD, C. (org.). *A Companion to Twelfth-Century Schools*. Leiden, Boston: Brill, 2020. p.49-68.

Data de submissão: 19/05/2022
Data de aprovação: 03/04/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)